

BIONOMIA DE *DINIA AEAGRUS* (CRAMER, 1779)
(LEPIDOPTERA, CTENUCHIDAE)LAURO TRAVASSOS FILHO¹HELGA URBAN²

ABSTRACT

Completing the bionomic data presented by Travassos Filho (1959) on *Dinia aeagrus*, some observations on ovoposition, larval period, host plants, pupal period and its protection, as well as new distributional data of the species, are given.

Em 1959, Travassos Filho descreveu a proteção pupal da lagarta de *Dinia aeagrus* (Cramer, 1779) feita ao pupar, dispondo a larva seus próprios pêlos em paliçadas contra eventuais predadores. Acrescentou também que não demoraria em ser descoberta a planta da qual as lagartas se alimentavam, o que de fato ocorreu, motivando esta nota em que são apresentadas novas observações.

As fotografias foram feitas com equipamento adquirido com auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

OVIPOSIÇÃO

Em 22.II.1959, um dos autores (H.U.), no local em que estava habituado a coletar pupas de *D. aeagrus*, surpreendeu uma ♀ que, cêrca das 16 horas de uma tarde clara e quente, voando lentamente próximo ao gramado, de quando em quando pousava na página inferior do limbo da folha da gramínea conhecida como "folha-larga" (*Axonopus obtusifolius*), depositando, de cada vez e em cada folha, um ôvo apenas.

Após a postura de 3 ovos, que foram recolhidos com as folhas, a ♀ foi capturada viva e conservada em saco plástico, junto com hastes de "grama folha-larga", a mesma em que a mariposa fizera as oviposições no ambiente.

Nêsse saco plástico, o lepidóptero viveu por mais dois dias tendo posto numerosos ovos.

Em 1965, a experiência foi repetida com ♀ capturada em junho, sendo a postura feita em "grama folha-larga" colocada no interior de saco plástico.

Medem os ovos cêrca de 0,85 mm de diâmetro por 0,48 mm de altura, quase transparentes nos primeiros dias, mas opacos até a eclosão.

1. Departamento de Zoologia, Secretaria da Agricultura, São Paulo.

2. Rua Livreiro Saraiva 57, São Paulo, Capital.

O período embrionário, da oviposição à eclosão da larva, variou bastante em relação às estações do ano: 4 dias em fevereiro (1959) (verão), 8-10 dias em junho (1963) (inverno).

PERÍODO LARVAL

As larvas nascem roendo totalmente o cório dos ovos não em contato com a folha, na forma habitual; após a eclosão, já com os abundantes pêlos soltos, medem cerca de 2,5 mm de comprimento. Devido à basta pilosidade brancacenta, as larvas no primeiro estágio são muito semelhantes às pontas pilosas das raízes que a grama emite na base das folhas, e de certo modo se confundem com elas, o que não deixa de ser uma certa proteção mimética.

Permanecem na face inferior da folha, junto à base, e começam a se alimentar roendo discretamente apenas o parênquima inferior, que fica assim com marcas semi-transparentes. Só a partir do fim do estágio 2 para o 3 é que começam a abrir janelas nas largas folhas da grama preferida.

A partir do estágio 3, a lagarta mostra uma linha esverdeada lateral e manchas amarelo-ouro que se distribuem dos segmentos torácicos para trás, onde são mais juntas, um par para cada segmento. Os pêlos vão adquirindo colorido acastanhado, e emergem em tufo de todos os segmentos, recobrando a larva mais ou menos uniformemente.

Detalhe importante é a disposição dos pêlos ao nível tóraco-abdominal, pois os torácicos acham-se voltados para a frente e os primeiros abdominais são verticais, de tal modo dispostos, que deixam uma faixa sem pêlos na porção distal da região torácica, permitindo ver nitidamente 2 pares de manchas amarelo-ouro meso e metatorácicas, o que não acontece nos demais segmentos, onde as manchas são percebidas apenas através dos pêlos acastanhados, como mostram as fotografias 1 e 2.

Com o escurecimento dos pêlos, no fim do estágio 2 ou no começo do estágio 3, passam as lagartas a residir na parte inferior das hastes da grama, subindo às folhas, para alimentação, somente à noite daí a dificuldade de localizá-las para coleta. Mesmo rente ao chão, quando tocadas ou quando a grama é agitada, enrolam-se sobre si mesmas e se confundem com os pequenos torrões de terra, característicos de gramados pouco ou não cuidados.

A larva madura — larva com pleno desenvolvimento — mede cerca de 27 mm de comprimento.

Também quanto à duração do período larval houve apreciável diferença entre as lagartas criadas no verão e as criadas no inverno. As nascidas entre 26 e 28 de fevereiro (1959), teceram o abrigo pupal de 27 de março a 2 de abril (30 a 34 dias) ao passo que as eclodidas em 29 de junho só puparam em 11 de agosto (43 dias).

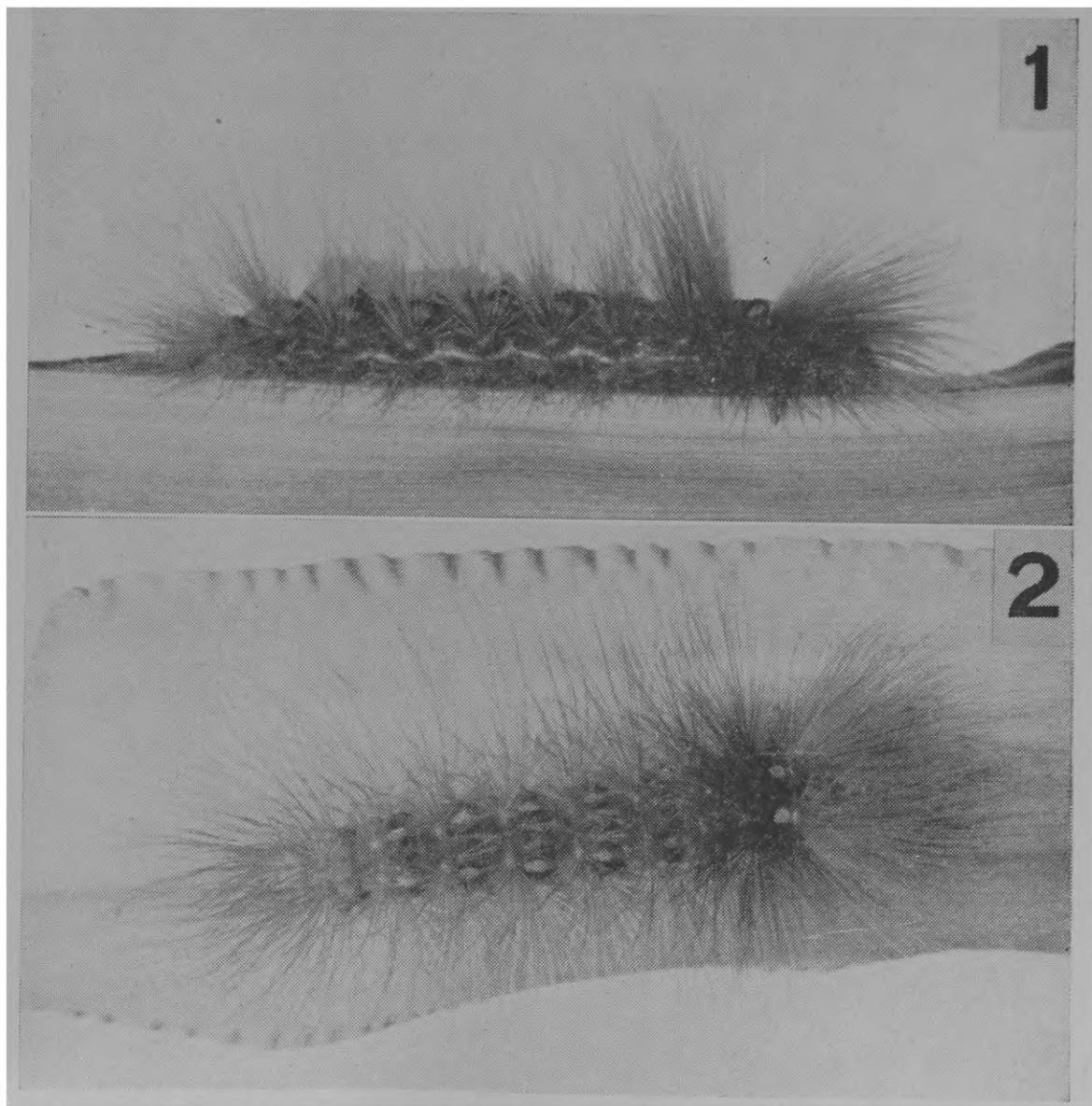
PLANTAS ALIMENTÍCIAS

As lagartas preferem no ambiente as folhas da grama perene *Axonopus obtusifolius* (Raddi) Chase, conhecida como “grama folha-larga” ou “grama de pasto”; esta gramínea é muito frequente em campos naturais, margem de estradas, etc., e pode também ser

dominante em clareiras abertas artificialmente em matas, como é o caso do Sítio Cocaia (Santo Amaro, São Paulo), onde a oviposição foi verificada em natureza pela primeira vez. Crescendo sem poda, a "grama folha-larga" dá hastes bastante longas e eretas, que se debruçam umas sôbre as outras, formando excelente abrigo para as lagartas.

Em laboratório, conseguimos alimentar larvas de *Dinia aeagrus* com "capim forquilha" (*Paspalum conjugatum* Berg.) e com a "grama inglesa variegada" (*Stenotaphrum secundatum* (Walt) Kuntze var. *variegatum*), ambas perenes.

Acreditamos porém que as larvas se alimentem ainda de outras espécies de gramíneas perenes, comuns em campos e clareiras abertas na mata.



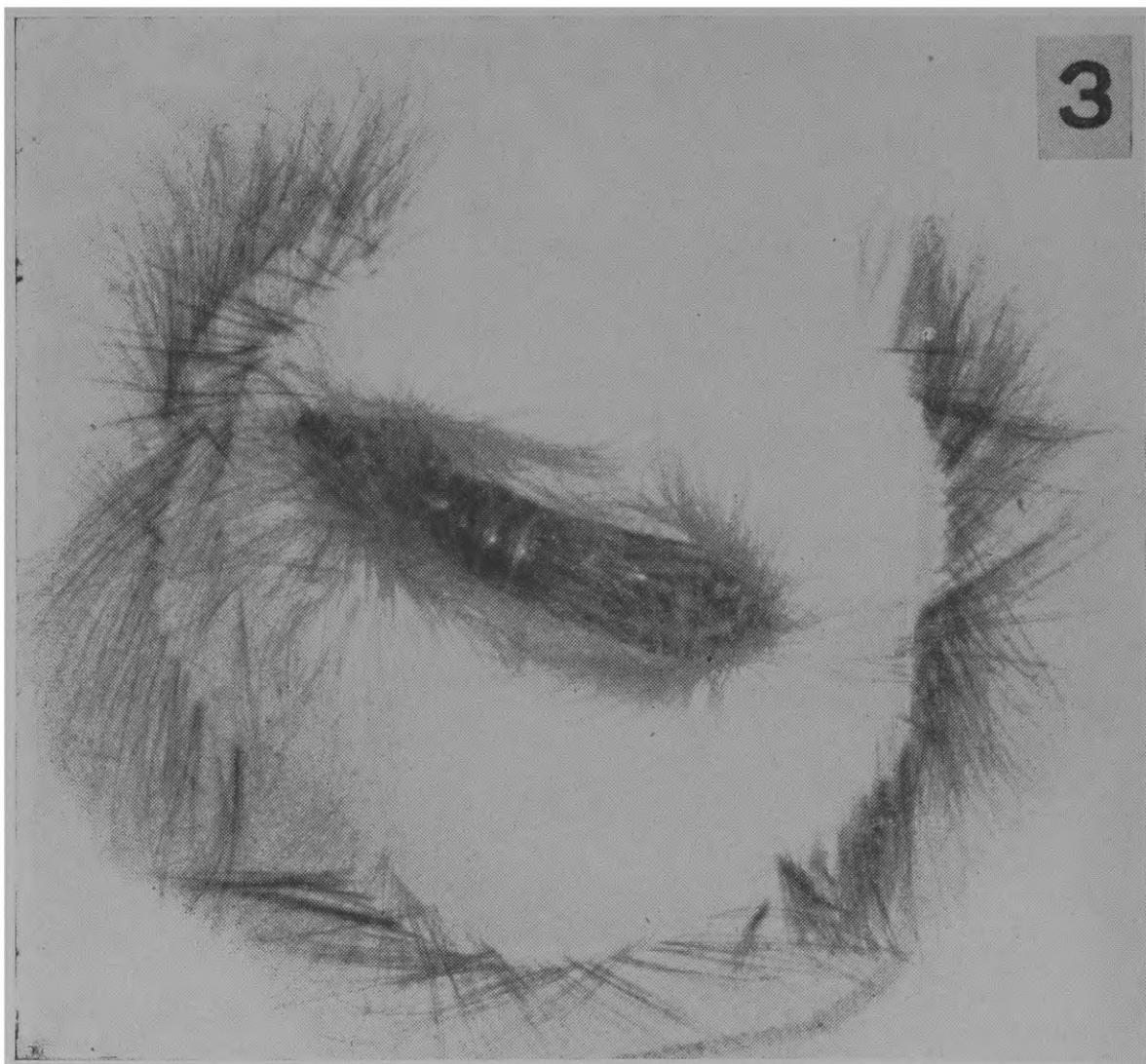
Dinia aeagrus: 1, larva de perfil (aum. 2,5 x); 2, larva em vista dorsal (aum. 2,5 x).

PROTEÇÃO E PERÍODO PUPAL

As lagartas ao puparem, como é o hábito na espécie (Travassos Filho, 1959), fizeram com os pêlos, paliçadas nos suportes escolhidos, e entre as paliçadas armaram uma espécie de cama onde, afinal, puparam.

Como costumam escolher gravetos, as paliçadas são circulares e perpendiculares ao eixo do suporte, protegendo a pupa de eventuais predadores que venham se locomover pelos gravetos.

Duas lagartas foram deixadas em caixas de papelão sem qualquer graveto, para forçá-las a pupar em superfície plana; elas dispuseram os pêlos também em paliçadas única e circular (foto 3), demonstrando que erguem as paliçadas de acordo com a superfície do suporte, e com objetivo de impedir ou dificultar o acesso de predadores à pupa.



Dinia aeagrus: 3, proteção pupal em paliçada circular, feita em caixa de papelão (aum. 2,5 x).

A duração do período pupal apresentou pequena variação entre os dois lotes; as lagartas eclodidas em fevereiro puparam no início de abril, com 9 dias de período pupal, e as larvas criadas no inverno puparam em agosto, com 12 dias de período pupal.

Essa pequena variação (3 dias) decorreu certamente por ser abril, em São Paulo, mês já quase frio, com características climáticas próximas às do inverno.

FREQUÊNCIA E DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DO MATERIAL ESTUDADO

De acôrdo com o material da coleção do Departamento de Zoologia, *Dinia aeagrus* é lepidóptero facilmente encontrável em alguns de seus habitats, principalmente em abril, sendo raro de agosto a novembro.

Os exemplares que serviram de base a êste trabalho pertencem a dois lotes. No primeiro, o da ♀ n.º 45854, foram obtidos bastante exemplares, entre os quais foram selecionados para a coleção 11 ♂ e 8 ♀, catalogados sob os números 45855-45873.

Do segundo lote, o da ♀ n.º 43863, foram obtidas apenas 2 ♀, catalogadas sob n.ºs 43864 e 43865.

Aproveitamos a oportunidade para acrescentar à lista de Travassos Filho (1957) mais os seguintes exemplares que foram incluídos na coleção seriada de lepidópteros.

São Paulo. São Paulo (Capital), incluindo os bairros de Santo Amaro (Cocaia), Brooklin Paulista e Pacaembu: n.ºs 46223, ♂, 6.I.1958, A. Barroso col.; 43863, ♀, 19.VI.1963, Trav. F. col.; 43864 e 43865, ♀, 23.VIII.1963, F₁ ♀ 43863, Trav. F. col.; 43868, ♀, 12.II.1963, L. G. Trav. col.; 43866, ♀, 14.IV.1963, H. Urban col.; 43867, ♂, 21.IV.1963, H. Urban col.; 43869, ♂, 20.VI.1964, Antenor Rodrigues col.; 45854, ♀, 22.II.1959; H. Urban col.; 45855-45857, ♂, 45858, 45859, ♀, 6.IV.1959; 45860, 45861, ♂, 45862, ♀, 7.IV.1959; 45863-45865, ♂, 45866, ♀, 8.IV.1959; 45867, 45868, ♂, 45869, 45870, ♀, 9.IV.1959; 45871, ♀, 10.IV.1959; 45872, ♂, 45873, ♀, 11.IV.1959 (n.ºs 45855-45873 são F₁ da ♀ 45854); 46215, ♀, 10.III.1958, H. Urban col.; 46214, 46213, ♂, 26.II.1958, H. Urban col.; 46211, 46212, ♂, 1.III.1958, H. Urban col.; 46537, 46538, ♂, 16.XII.1958, H. Urban col. Pirituba: n.º 43870, ♂, 1.III.1962, Leopoldo Silva col. Barueri: n.º 46225, ♂, 29.III.1958, K. Lenko col.; 46226, ♂, 46227, ♀, 30.III.1958. Vulcano col. Estação Biológica de Boracéia (Salesópolis): n.º 4078, ♂, 11.XII.1961, 4079, ♂, 19.XII.1961, J. Oliveira Santos col. Ilha de São Sebastião (Ilhabela): n.º 43874, ♂, 9.XII.1964, H. Urban col. Santos: n.º 43873, ♀, 21.VI.1962 e 46224, ♀, 14.IV.1958, Liliansa Gomes da Silva col. São Vicente: n.º 43872, ♂, II.1956, Lima col. São José do Barreiro (Fazenda do Bonito Serra da Bocaina): n.º 43871, ♂, 1-10.II.1962, Vulcano col.

Paraná. Rolândia: n.º 43876, ♀, 20.XI.1965, C. Roosen-Runge col. (em teia de aranha).

Rio de Janeiro. Angra dos Reis (Fazenda Japuhya): n.º 46228, ♂, 29.I.1937, L. Trav. F. col.; 46229, ♂, 12.II.1937, Jussaral, Travassos, Oiticica & Costa col. Campo Grande (Esc. Nac. de Veterinária, km 47): n.º 49997, ♀, 10.VI.1957, Hugo Souza Lopes col.

Guanabara. Manguinhos: n.º 46536, ♀, 6.X.1958, A. Travassos col.

Paraíba. Mamanguape: n.º 46222, o, VII.1957, Exp. DZ col.

Rondônia. Pôrto Velho (Rio Madeira): n.ºs 46230, o, I. ?; 46231, o, VI. ?; 46232, o, VI. ?.

Acre. Feijó (Rio Embira): n.º 43875, ♀, XII.1956, W. Bokermann col.

REFERÊNCIAS

TRAVASSOS FILHO, L.

1957: Contribuição ao conhecimento dos Ctenuchidae (Lep.): VII —Gênero *Dinia* Walker, 1854. *Arg. Zool. Est. S. Paulo* 10: 185-207, 4 pls.

1959: Comentários bionômicos e proteção pupal de *Dinia aeagrus* (Cr.) (Lepidoptera, Ctenuchidae). *Papéis Avulsos Dep. Zool. S. Paulo* 13:245-249.